



CULTURAS E CIDADE: TEORIA E PROJETO

Formas outras de se constituir a ação e o conteúdo projetual

Maria Isabel Villac

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo
mariaisabel.villac@mackenzie.br

Volia Regina Costa Kato

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo
voliaregina.kato@mackenzie.br

Lizete Maria Rubano

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo
lizetemaria.rubano@mackenzie.br

Edison Batista Ribeiro

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo
edison.ribeiro@mackenzie.br

RESUMO

Entre os tempos de vida e os espaços urbanos (Lefebvre, 2009) emerge a invenção do projeto como expressão de resistências, reivindicações e possibilidades outras de apropriação do tempo, do espaço e do desejo. O projeto, assim pensado, reafirma a importância da alteridade, dos sujeitos coletivos e do acontecimento como horizontes da imaginação. No Brasil, a construção pela forma - arquitetura e cidades - reside, historicamente, no campo das representações: o que vemos em nossas cidades é segregação, desigualdade, ausência de espaços públicos para a vida. Como construir socialmente uma cultura de projeto que considere processos de reconhecimento, apropriação, desejos, universalização de direitos destacando sua potência emancipatória? Busca-se uma aproximação às maneiras de viver o espaço, pela vida cotidiana, pela construção das práticas, pelas experiências de coletivos culturais e organização da sociedade civil, considerando-se a multiplicidade de atores, dominações, opressões e resistências que configuram o mundo contemporâneo.

Keywords: projeto, vida cotidiana, sujeito coletivo, espaço urbano.

Thematic clusters: 3. Dinâmicas urbanas; **Temas:** Cidade pós-crise e dinâmicas socioespaciais | Culturas urbanas, migrações e justiça social

ABSTRACT

Between the times of life and the urban spaces (Lefebvre, 2009) emerges the invention of the project as an expression of resistance, claims and other possibilities of appropriation of time, space and desire. The project, thus thought, reaffirms the importance of alterity, of collective subjects and of the event as horizons of imagination. In Brazil, the construction through form - architecture and cities - resides, historically, in the field of representations: what we see in our cities is segregation, inequality, absence of public spaces for life. How to socially build a project culture that considers processes of recognition, appropriation, desires, universalization of rights highlighting its emancipatory power?

We seek an approach to the ways of living the space, through daily life, through the construction of practices, through the experiences of cultural collectives and civil society organizations, considering the multiplicity of actors, domination, oppression and resistance that configure the contemporary world.

Keywords: project, daily life, collective subject, urban space **Thematic clusters:** 3. Urban dynamics; Topic: Post-crisis city and socio-spatial dynamics | Urban cultures, migrations, and social justice

Introduction

Entre os tempos de vida e os espaços urbanos (Lefebvre, 2009) emerge a invenção do projeto como expressão de resistências, reivindicações e outras possibilidades de apropriação do tempo, do espaço e do desejo. O projeto, assim pensado, reafirma a importância da alteridade, dos sujeitos coletivos e do acontecimento como horizontes da imaginação do futuro em estruturas possíveis de reencantamento do mundo.

No Brasil, a construção pela forma - arquitetura e cidades - reside, historicamente, no campo das representações de um país moderno, ainda que estruturalmente essa modernidade não tenha inteiramente se realizado, considerando-se produção da vida material e relações sociais. (Recamán, 2002; Martins, 2008; Meyer e Grostein, 2010; Kato, 2011).

Por meio de fragmentos de uma matriz discursiva, vislumbrada por Santos (2000), regida pelo princípio da solidariedade que reconhece o outro como produtor de conhecimento, busca-se uma aproximação às maneiras de viver o espaço, pela vida cotidiana, pela construção das práticas, pelas experiências de coletivos culturais e organização da sociedade civil, considerando-se a multiplicidade de atores, dominações, opressões e resistências que configuram o mundo contemporâneo.

Por essa aproximação, posta à dimensão do projeto, o grupo de pesquisa Culturas e cidade: teoria e projeto, ao longo de seu percurso desde 2011, destacando o lugar dos sujeitos coletivos e a dimensão do cotidiano como contribuições cruciais para a fundamentação de projeto, vem buscando construir um instrumental, por aprofundamento conceitual, aproximação metodológica e exercícios projetuais, que aporte possibilidades para a lacuna disciplinar.

Objetiva-se neste artigo apresentar elementos de construção analítico-empírica sedimentados ao longo deste percurso, em três dimensões:

- construção teórico-metodológica, percorrendo os autores da formação de nossa sociedade, ampliados por intelectuais contemporâneos que anunciam novas questões (e, portanto, novas “tarefas”, Tafuri e Dal Co, 1986) presentes na realidade urbana, nas lutas sociais pelo direito e nas maneiras outras de se vivenciar a dimensão pública de nossos territórios. Por meio de fragmentos de uma matriz discursiva, vislumbrada por Santos (2000), regida pelo princípio da solidariedade que reconhece o outro como produtor de conhecimento, busca-se uma aproximação às maneiras de viver o espaço, pela vida cotidiana, pela construção das práticas, pelas experiências de coletivos culturais e organização da sociedade civil, considerando-se a multiplicidade de atores, dominações, opressões e resistências que configuram o mundo contemporâneo. "Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor" (fev.2011 - jan.2013) e "Culturas e Cidade: teorias e projeto" (2016 e 2017)
- pesquisa empírica, por meio de derivas nos bairros de estudo selecionados, cartografias (subjéctivas, psicossociais, espaciais, de processos) produzidas pela investigação de campo, e por meio da troca com agentes - coletivos de cultura - que desencadeiam práticas contra-hegemônicas no espaço urbano, acrescidas da análise de movimentos de desobediência civil importantes nas lutas contemporâneas pelo espaço institucional das cidades (esse é o caso do movimento “hoje a aula é na rua” de estudantes secundaristas, de 2015). Em todas essas aproximações destaca-se a escuta como ferramenta de conhecimento e identificação.
- exercícios livres (oficinas de trabalho em ateliês de projeto): realizamos uma sequência de oficinas em que debatemos as “Culturas do cotidiano e do corpo na cidade I e II” (2016 e 2017); “A escala do pormenor” (2017); “Cartografia: outros olhares para a vida metropolitana” (2017); “Cartografando Mário de Andrade: nas fronteiras entre literatura e cidade” (2018); o espaço efêmero do evento no bairro da Luz: Campos Elíseos e os transectos (2019) e bairro de Ivry-sur-Seine na periferia de Paris, exercitando os “transectos” (2019), “Paraisópolis: vida cotidiana e projeto” (2023), chegando, em todos eles, às dimensões analíticas e propositivas do projeto.

Considera-se que a pesquisa tem registrado maneiras de enfrentamento dessa hegemonia da condição disciplinar na construção do ambiente, identificando processos de apropriação do espaço pela investigação e escuta e propondo formas outras de se constituir a ação e o conteúdo projetual

1. Fundamentos da crítica e categorias analíticas: o percurso

Apelos a um resgate crítico de conceitos e análises a partir de interpretações clássicas sobre a formação brasileira são assumidos nas pesquisas inaugurais do grupo como reavaliação necessária capaz de abrir brechas interpretativas para localizar as singularidades da modernidade no Brasil e de suas influências nos desafios e opacidades que até hoje se interpõem à realização de um projeto coletivo de emancipação social.

Nas análises, os mecanismos de articulação da totalidade social e cultural no Brasil configuram-se na existência de uma disjunção ocorrida no processo de construção da nação, entre a representação e o seu contexto. De diversas formas, entender a totalidade social e cultural a partir desta fissura faz parte dos posicionamentos discursivos de Roberto Schwarz, Renato Janine Ribeiro, José de Souza Martins, Maria Rita Kehl, Darcy Ribeiro, Roberto da Matta e muitos outros autores analisados.

Como bem destaca Schwarz (2009), a “modernidade brasileira” deu-se como construção realizada sob a representação de um discurso liberal, típico da formação capitalista dos países europeus e, contraditoriamente, sob a manutenção de práticas sociais e econômicas escravagistas e paternalistas. “Escravidão e prática do favor são os dois temas que aparecem como os mais antagônicos frente ao processo de universalização dos princípios e direitos dados pela modernidade” (Rubano, 2013 em referência a Schwarz, 2009). Vale dizer que o projeto, entendido na dimensão de um caminho visualizado de transformação da sociedade, revela “a condição peculiar e específica com que se forma e se caracteriza a sociedade brasileira”, onde a cultura aparece “como expressão dessa realidade ‘velada’, encoberta pelas ideologias”. (Id.Ibid) E, mais ainda, “quando revela as estruturas dos aparentes antagonismos, que nada mais são que a expressão autêntica de uma sociedade sustentada no atraso, mas que busca, sem trégua, parecer moderna”. (Id.Ibid)

As incongruências dos traços constituintes da realidade brasileira se revertem em negação do passado, ou negação das próprias raízes. Também transparecem na construção de um passado mitificado e explicam as dificuldades de se olhar para ele de maneira crítica. Entre outros autores, o discurso crítico de José de Souza Martins (2000) sobre o que ele denomina as hesitações do moderno no Brasil, parte da premissa de que a modernidade é um tema europeu, transmutado para a sociedade brasileira como uma justaposição de tempos históricos diferentes. Suas argumentações, discutidas por Kato (2013), trazem à tona a inconclusividade do moderno no Brasil e sua feição social e cultural anômala. Num descompasso histórico, a vivência do moderno se faz pelo apelo ao não moderno, ao rústico, ao sertão, onde estariam as raízes de nossa autenticidade. A modernidade aqui aparece sem laços fundos:- como afirma o autor, as nossas desigualdades sociais são também o nosso descompasso histórico”. E, a experiência da crítica social do moderno no Brasil, ao contrário dos países europeus, aparece como deboche e por isto mesmo é uma crítica mutilada. (Martins, 2000: 32)

Atravessando a análise da modernidade no Brasil e aproximando-se das posições de Boaventura de Souza Santos (op. cit. 2000) a respeito do que ele denomina como teoria crítica pós-moderna, a maioria dos autores aqui referenciados apela para a necessidade de um novo pensamento crítico que contemple, em última instância, a crítica das formas de produção do conhecimento. Esta postura perpassa, nos autores, o reconhecimento das esperanças frustradas da modernidade, a falência das grandes utopias e a desmistificação de um sujeito coletivo, único e específico, capaz de orientar os movimentos de emancipação social. Como lembra Martins (2000: 20), “são múltiplas as desigualdades, as resistências e os desejos e, portanto, os agentes sociais”.

Ao contrário do que sugerem os processos de globalização contemporânea onde a realidade social é vista como encontro homogeneizante da diversidade do homem –a modernidade é formada por ritmos desiguais de desenvolvimento econômico e social, ‘pelo acelerado avanço tecnológico, pela a desproporcional acumulação

de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria.

Se de um lado esta constatação pode induzir a certa paralisia reflexiva, na medida em que fica evidente a inexistência de um inimigo único com quem se possa confrontar, de outro lado, reforça a presença de uma pluralidade de agentes e saberes, cujas ausências e silêncios não podem mais ser ignorados.

Para Martins (2011:70) antes de tudo, coloca-se “um desafio sociológico e antropológico de interpretação do abismo entre as referenciais conceituais de classe social e sua experiência real que se dá no cotidiano. A nossa sociedade é ainda marcada por contradições sociais e mecanismos repetitivos de institucionalização das desigualdades que se reproduzem no plano do real vivido. Marcada também por forças sociais e carências de inovação social e política que pedem mudanças e até mudanças urgentes para trazer amplos setores da população para os embates do mundo moderno e as possibilidades de inovação social que nesses embates se anunciam”. Como enfatiza, as transformações contemporâneas das sociedades capitalistas desarticularam o embate entre projetos revolucionários e reformistas e parece restar o “caminho da revolução na vida cotidiana” no sentido da busca de alternativas e de inovação política para a superação das carências históricas. Por isso mesmo, os desafios assumem duas dimensões articuladas: “no plano do conhecimento científico, que é indissociável de uma prática de esquerda, num retorno à dialética, sem dúvida mas também num diálogo criativo e sem medo com as inovações logradas pelas ciências sociais. E, no plano da aplicação desse conhecimento, para pesquisar e conhecer a realidade social e, portanto, agir em nome do historicamente possível (...)” (Ibidem:71)

Na preconização da necessidade de novas formas de análise e interpretação da cultura contemporânea, Suely Rolnik (1998) apela para as possibilidades de combinação de saberes diversos que se colocariam no “entre” ou como “cultura-entre”. Esta atitude “(...) permite inventar novas possibilidades de vida, as quais favorecem a expansão individual (e principalmente coletiva) e ainda romper as fronteiras dos sectarismos (étnicos, sexuais, religiosos etc.)”.

Embora seja ainda uma realidade muito incipiente e se defronte com as fraturas históricas da realidade brasileira, é neste plano de intersecção de conhecimentos de campos disciplinares diversos e de outros saberes provenientes da própria sociedade que se colocam as possibilidades de criação de uma teoria crítica necessária à construção de projetos coletivos voltados para princípios de solidariedade e de emancipação social e cujos resultados podem alimentar os conhecimentos e as práticas específicas de criação na Arquitetura e no Urbanismo.

Nesse sentido, o grupo de pesquisa percorreu - e tem percorrido - caminhos e aproximações sucessivas voltadas a ações desencadeadas por pessoas que interferem nos espaços públicos da cidade, demarcando abandono, possibilidades, reconhecimento, valoração ou atribuição de sentido (pelo uso, pelo resgate histórico, pelas descobertas ou pelas invenções): reflexões mais abstratas sobre o caráter das relações humanas, ethos e práticas sociais como significantes de culturas e cotidiano na cidade (práticas sociais, cultura e cotidiano); com a perspectiva do registro, reconhecimento e amparo teórico de dinâmicas e situações espaciais que revelem potências latentes, com a perspectiva de ampliar a análise e as possibilidades propositivas do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo (AU): reflexões sobre os elos entre a materialidade de elementos urbanos ou estruturas urbanas elementares e as formas de apropriações sociais (elementos urbanos e apropriações sociais)

Num primeiro momento, a pesquisa partiu do reconhecimento de que a cidade tem sido apropriada, de forma espontânea em seus elementos primários, a que denominamos de "temáticas do substantivo". Esses elementos foram, assim, caracterizados como possíveis "ágoras do contemporâneo na metrópole", nas quais as ações táticas mostram as culturas do cotidiano opondo-se às catracas, aos arames farpados, bloqueios, isolamentos, muros cegos, vistos como “penumbras” da vida pública.

Enquanto valor de uso (Lefebvre, 2001) - as temáticas do substantivo - foram elencadas como primeiro destaque na condução das observações de campo, compondo o mapa de possibilidades espaciais: a rua (e os percursos), a praça (encontro e troca abertos), os edifícios (dimensão privada e doméstica e excepcionalidade) e as estruturas formais de apoio à vida cotidiana (lugar, limites, cota criada, espaços de transição).

Nesse percurso, construímos uma aproximação pela observação e registro de experiências de apropriação “disciplinadas”; pela deriva, destacando descobertas na cidade; pela identificação de atores coletivos atuando no território e pelos conflitos gerados por lutas urbanas.

O recorte metodológico voltado ao uso do espaço, colocou-nos a urgência da escolha de uma área como objeto de estudo, com a perspectiva de se apreender relações potentes entre estruturas físicas, espaciais e a experiência humana.

O limite físico escolhido para a investigação é uma área central - Santa Cecília / Campos Elíseos / Barra Funda, contígua ao elevado Costa e Silva, considerada tanto por seu valor histórico como pelas ações coletivas que nela se desenvolvem. Lugar de densidade. Por um lado, construtiva, onde é possível identificar níveis de apropriação e permitir a eleição da escala intermediária, enquanto equilíbrio entre intimidade e distância, que interessa à pesquisa. Por outro lado, de diversidade cultural.

Cabe salientar, para a investigação, a importância do território portador de virtude de densidade histórica, expressividade simbólica e propício ao encontro, à convivência de culturas com base no hibridismo, na ambiguidade, e aberta aos conflitos. E, ainda, caracterizada por processos de transformação, onde, o mais evidente, é, no passado, um declínio acentuado do crescimento populacional ao lado de uma afluência significativa de população de baixa-renda em habitações precárias e, no presente, a possibilidade de especulação imobiliária e gentrificação a partir da indagação sobre o futuro do elevado.

Alternando a construção de referências teórico-conceituais (grupo de estudos e seminários) com incursões na área de estudo, pudemos, identificar situações diversas na relação porta/janela com a rua; maneiras de demarcação de território (mobiliário, comércio informal, sombra); usos inusitados de espaços de fronteira/limite; arranjos tipológicos relacionados à forma urbana; fachadas voltadas às ruas/fachadas cegas; o que se passa no campo do espaço interior/doméstico e o vínculo com a rua (o que se entrevê do espaço público); a diversidade de texturas/cores/detalhes presentes na dimensão pública e a escala do corpo; as esquinas como momento de excepcionalidade (espacialidade e programa) e as pausas inventadas, presentes na improvisação do tempo de descanso do cotidiano.

A experiência da deriva levou-nos a uma aproximação maior das dinâmicas sociais e espaciais da área de investigação.

Careri, 2008, afirma que o caminhar, mesmo não sendo construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e seus significados. Para o autor, “(...) o caminhar (...) é ato perceptivo e criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território”. (Careri, 2008:51).

As derivas feitas pelos pesquisadores desencadearam material que subsidiou as oficinas de leitura crítica e proposições: “culturas do cotidiano e corpo da cidade” (ago.2016)

Adoptamos el concepto de ESPACIOS EN TRANSICIÓN para indicar aquellos espacios creados espontáneamente o transformados por las comunidades locales y pendientes de su uso oficial definitivo.

En este sentido, los espacios en transición pueden ser considerados como una nueva forma de urbanidad, más flexible, que materializa una auténtica ciudad compuesta donde múltiples identidades son posibles como resultado de una multiplicidad de actos que ocurren en estos lugares. (depoimento da Prof. Doutora convidada – Benedetta Rodeghiero)

Por experiência em processos que envolvem pesquisa e projeção, é possível prever que, advindos dos procedimentos e métodos propostos, novos conceitos surgem para informar a construção teórica e outras projeções.



Fig.01 | grupos 1 e 2: ruínas e transformação

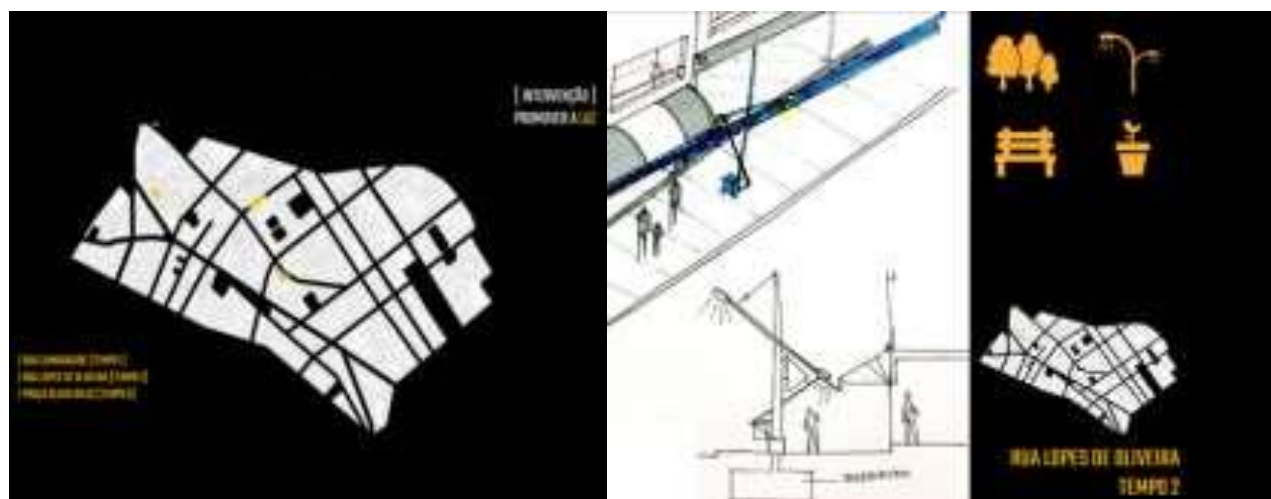


Fig.02 | grupo 3: promover a luz em espaços públicos



Fig.03 | grupo 4: Contaminação das bordas: o delírio e as dinâmicas urbanas do cotidiano. acima: inusitados pontos de encontro a serem estimulados, reforçados



Fig.04 | grupo 5: encontros atípicos

Apontou-se, nesses exercícios, dinâmicas reais e possíveis novas questões para o projeto, dando chances para que a disciplina possa ser repensada e informada pelas culturas, em suas ambiguidades, conflitos, hibridismos, permitindo "substantivar" a morfologia urbana.

As etapas seguintes de investigação e experimentação pelas oficinas de trabalho com alunos dos cursos de graduação e a pós-graduação contaram com a presença de professores e estudantes da Escola de Arquitetura Paris Val De Seine.

A oportunidade de leitura de um território por "estrangeiros", a ele permitiu que se olhasse para situações banalizadas pelo cotidiano de quem mora nessa cidade, a partir mesmo de um certo "estranhamento".

2. A transdisciplinaridade e como método. O transecto

A predisposição à transdisciplinaridade permitiu uma abertura a um método inovador na produção de cartografias do uso público do espaço e de sua pátina de tempo, bem como da projeção.

No que se refere ao estudo crítico de distintas metodologias e estratégias projetuais contemporâneas o exercício de leituras do território e elaboração de cartografias e, posteriormente do projeto, envolveu um determinado procedimento de compreensão e registro da espacialidade, advindo da área da Geografia e definido como "protocolo": o transecto. Catherine Rannou (2019) explica que:

"Um transecto, originalmente utilizado por Alexander Von Humboldt 1790, é uma seção transversal de uma região geográfica usada para revelar uma sequência de diferentes ambientes. Foi originalmente utilizado para analisar a ecologia natural, representando as variadas características de diferentes áreas, como orlas costeiras, pântanos, planícies e planaltos. Para ambientes humanos, como um corte, o transecto pode ser usado para identificar uma variedade de habitats de acordo com seu nível de intensidade urbana, um contínuo que vai do rural ao urbano."

O transecto é, portanto, um dispositivo com função de observar o terreno ou de representar um espaço, ao longo de um enredo linear e de acordo com a dimensão vertical, destinado a destacar uma superposição, uma sucessão espacial ou relações entre fenômenos.



Fig.05 | Natural Transect Fig.06 | McHarg's Natural Transect Ilustrações: Center for Applied Transect Studies (CATS)

Disponíveis em https://transect.org/natural_img.html

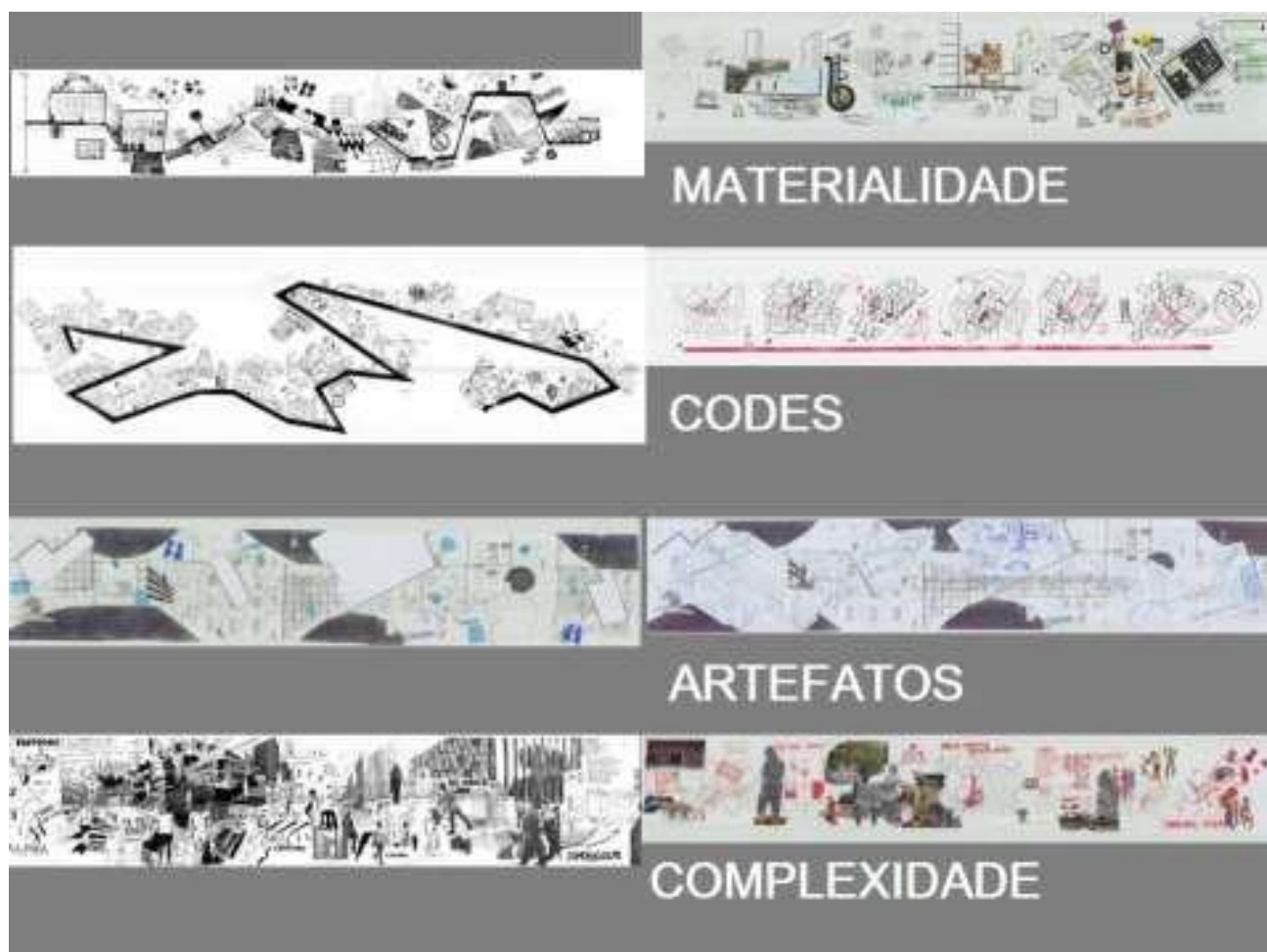


Fig.06 | transecto: registro de um percurso em ateliê de projeto

A possibilidade teórica e política, entendida como ação, (Arendt:2013) aparece, para o grupo de pesquisa, como novo aporte - e reforço - às condicionantes que nortearam nossas questões até o presente momento.

Para a dimensão do projeto – urbano e de arquitetura – objeto que protagoniza a pesquisa – o recorte territorial tem nos possibilitado verificar algumas das alternativas teóricas que são anunciadas pelos intelectuais de referência em nosso debate.

Na condição de lócus de “processos cada vez mais complexos que geram brutalidade assombrosamente elementar” (Sassen, 2016:26), a cidade tem sido objeto de reflexão para além daquilo que lhe é peculiar, compondo – e sendo agente - dessa rede que determina quem permanece e quem é totalmente dispensável nessa reconhecida condição de “um aprofundamento sistêmico das relações capitalistas” (Sassen, 2016:19).

Ainda que toda a incursão de Sassen seja pelo processo de recrudescimento das desigualdades, ela aponta, quando caminha para sua “conclusão – no limiar do sistema” uma possibilidade:

De modo geral, os espaços dos expulsos clamam por reconhecimento conceitual. São muitos, crescem e se diversificam. São condições conceitualmente subterrâneas que precisamos trazer para a superfície. São, em potencial, os novos espaços para a criação: de economias locais, de novas histórias e de novas formas de pertencimento (Sassen,2016:263 - grifo nosso).

No enfrentamento dessas condições subterrâneas, e destacando os espaços de criação, é que pautamos esse momento (e estágio) da pesquisa por um tema condutor: “Um teatro, uma associação, um coletivo: experiências de territorialização em Santa Cecília, Barra Funda e Campos Elíseos”.

Esse tema colocou-nos, então, como investigadores de uma rede de ações e de agentes - institucionalizados ou não - que atuam e desencadeiam práticas, atribuindo outros novos sentidos aos lugares ou que fazem deles seus territórios de ação transformadora.

Quando destacamos o interesse por essa condição posta pela ideia da ação, estamos nos reportando à prática política da transformação e ao domínio público:

A ação não incide sobre quaisquer objetos, pois se dá sempre em um espaço-entre as pessoas, capaz de relacioná-las e de mantê-las juntas. A ação é a capacidade humana de instaurar novidade no mundo (Correia: 2013. Apresentação à edição brasileira de “A condição humana”).

Ainda que tenhamos pontuado diversos desses agentes como de relevância à pesquisa, ativemo-nos, essencialmente, aos coletivos teatrais, que têm como referência a construção de dramaturgias a partir da pesquisa, que é a condição que perdura e alinhava a construção dos grupos.

Os coletivos têm revelado que a cidade lhes interessa. Os espaços da cidade, seus agentes e a temporalidade são componentes da pesquisa, da dramaturgia e da efetiva ação teatral.

“Queremos, ainda, subverter o tempo da cidade, que na verdade tem como marca justamente a falta de tempo. (Fioratti: 2012. Sobre comentário de Georgette Fadel da Companhia São Jorge de Variedades acerca de “Barafonda”).

A relação que se constrói é com “a cidade viva” (em depoimento à pesquisa em 25 de setembro de 2020) e onde a imaginação aparece como uma possibilidade quase inverossímil.

A experiência dos coletivos atuantes na área vai além da luta por direitos. Atinge o reconhecimento de que frente às condições de brutalidade extrema, constrói-se uma contra forma, que envolve pesquisa, teoria, memória, imaginação, desejo, corpo.

Para além das observações das apropriações, da relação entre forma urbana, arranjo tipológico e uso; para além das transformações desencadeadas pelas dinâmicas de vida no espaço público, os coletivos colocam a força do lugar em evidência, pela rememoração e pela proposição.

As lutas por direitos nas cidades também têm pautado nossa investigação, pelo interesse de como interagem com o espaço e dele se utilizam para estruturar reações, articular causas e defender territórios. Estas práticas conformam resistências, adotam pautas de autonomia e se aproximam dos ideais emancipatórios que se colocam às margens no mundo contemporâneo.

O movimento de estudantes secundaristas que se estruturou, apresentando-se à sociedade em 2015, na cidade de São Paulo e municípios vizinhos, é um marco das lutas contemporâneas de resistência às políticas e práticas implementadas pelo neoliberalismo que tem o espaço como questão estrutural.

O grupo de pesquisa Cidade e cultura: Teoria e projeto fez uma incursão por esse movimento buscando identificar bandeiras, pautas, organização e gestão dos espaços, além das estratégias de resistência que significaram ocupar espaços institucionais e públicos como lócus de uma possível trincheira em defesa da educação pública.

O desafio do enfrentamento central – feito pelos estudantes – teve a ver com a dimensão territorial (distribuição dos estudantes pela rede escolar das cidades e desativação de várias delas) e, também, com a condição das chamadas especificidades de cada região e contextos diversos das escolas.

Ou seja, o que nos pareceu importante, como assunto do grupo de pesquisa, foi justamente essa dimensão do espaço que ganhou protagonismo no movimento dos secundaristas.

Os critérios de escolha dos objetos empíricos se orientam pela busca de estruturas físicas onde a expressão de resistência e resignificação, que nos unem e aproximam enquanto cidadãos, encontram recinto. Espaços e estruturas substantivados por apropriações, em repetição e de forma eventual, que ocorrem fora da ideia de excepcionalidade e de espetáculo. Na busca de "retratos do cotidiano", a pesquisa elege os lugares onde o igual de cidadania se revela na convivência da diferença, da bricolagem de culturas.

3. Sobre a prática compartilhada.

A concepção e os resultados das ações de projeto em ateliê merecem ser vistos em dimensões entrelaçadas. Por um lado, pela percepção sensível e observação direta, o relevo depositado sobre as práticas sociais do cotidiano, em suas variadas cadências e modos de apropriação da cidade como expressão de culturas que passam a sustentar as propostas projetuais. Por outro lado, a experiência pedagógica, centrada na valorização do diálogo e na junção de competências acadêmicas, diversas permitem aflorar, nos processos concentrados de criação, um conhecimento tácito, um repertório teoricamente orientado, um saber não-sabido e, sobretudo o reconhecimento da importância das relações entre a descrição empírica e a reflexão teórica.

O processo de projeto que se desenvolve, em encontros que propõe o compartilhamento de uma linguagem específica de uma disciplina, abre uma perspectiva de ação sobre o território que considera a experiência – dos cidadãos envolvidos e do arquiteto. Também sinaliza respostas eminentemente arquitetônicas – do objeto à cidade -, abrangendo várias escalas e virtudes que influem na dinâmica da vida cidadã cotidiana, construindo uma experiência transdisciplinar para o campo de conhecimento e a ação do projeto.

3.1 . O valor da experiência transdisciplinar

A cidade como expressão de culturas privilegia microdinâmicas que trazem, para o processo do projeto, leituras e propostas sobre e para o espaço urbano - bem como a reflexão teórica que nelas se originam –, pensa o arquiteto, envolvido com a experiência de apreensão do cotidiano e suas ancoragens nas estruturas físicas - materialidade - da cidade.

A experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Bondia:2002,20). A experiência qualifica o projeto, que assim se afasta da conformidade entre os sujeitos, os lugares, os acontecimentos, pois sua lógica “produz diferença, heterogeneidade e pluralidade.” (Bondia: 2002, 28)

A abertura à experiência, enxerga o “outro”, o “distante”, como uma parte ativa na interação tendo a consciência de que ela nunca se revela inteiramente; admite o contingente e imprevisível; “acolhe os saberes mais

indeterminados, especulativos, que se desenvolvem pela reflexão e pela ação do projeto, confrontados com os saberes acumulados histórica e coletivamente no campo” (Cordeiro:2007, 102 apud Lima, 2010, 4).

O projeto, portanto, se constrói pela transdisciplinaridade e procura transcender as perspectivas disciplinares mediante a conceituação de novos objetos, concepções e métodos, representando um desafio epistemológico às abordagens tradicionais (Santos, 2007).

Em nossas cidades, o que vemos é segregação, desigualdade, ausência de espaços públicos para a vida. A partir desta realidade, o grupo de pesquisa Cultura e Cidade - Teoria e Projeto, tem se proposto a elaborar possíveis respostas às questões: Como construir socialmente uma cultura de projeto que considere processos de reconhecimento, apropriação, desejos, universalização de direitos destacando sua potência emancipatória? Como considerar formas de apropriação - e vida- na cidade que sugerem possibilidades diversas dos processos hegemônicos em curso e que, portanto, apontam outras maneiras de se pensar, ensinar e fazer projeto urbano e de arquitetura?

Bibliografia

ARANTES, Otilia et al (orgs) (2007) A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes (p. 121-192).

BONDÍA, Jorge Larrosa. "Notas sobre a experiência e o saber de experiência". In: Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr pp. 20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acessado em 06/11/2017 15h30'.

GINZBURG, Carlo (1989). "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: GINZBURG, Carlo (1986). Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 143-179.

KATO, Volia Regina Costa (2013). Vida cotidiana e os espelhos da sociedade: contribuições analíticas de José de Souza Martins. In: Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor - Relatório de Pesquisa – Artigos individuais, São Paulo: MackPesquisa, 2013. (Artigo não publicado)

LEFEBVRE, H (2001). O direito à cidade. São Paulo: Centauro.

LIMA, Ana Gabriela G.(2010). "Conceito". In: VILLAC et al. Projeto Pedagógico: Arquitetura E Cidade | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) | Mestrado em Arquitetura e Urbanismo ArqUrb UniRitter Mackenzie, 2010, pp. 3-7.

MARTINS, José de Souza (2000). A sociabilidade do homem simples – Cotidiano e História na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec.

_____ (2011) A política do Brasil: lúmpen e místico. São Paulo: Contexto.

ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica (1998). In: HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Edit.). Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outros. XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 128-147.

RUBANO, Lizete Maria. Teoria e cultura: constituição e (des)caminhos da sociedade brasileira na obra de Roberto Schwarz (2013). In: Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor - Relatório de Pesquisa – Artigos individuais, São Paulo: MackPesquisa, (artigo não publicado)

SANTOS, Boaventura de Souza (2000). Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência/ Para um novo senso comum – a ciência, o direito e a política na transição paradigmática V. 1. São Paulo: Cortez,

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. "Integração e Diferença em Encontros Disciplinares". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 22, no. 65 outubro/2007, pp. 51-60.

SCHWARZ, Roberto (2009). As ideias fora do lugar. In: Cultura e Política (escrito em 1977). São Paulo: Paz e Terra, 2009

TAFURI, M.(1979) Teorias e História da Arquitectura, Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1979.